



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ARTE,
CULTURA E HISTÓRIA (ILAACH)**

HISTÓRIA – LICENCIATURA

**A QUEDA DE STROESSNER E O ASILO NO BRASIL:
UMA ANÁLISE A PARTIR DAS PÁGINAS DO JORNAL O GLOBO.**

LAURA BEATRIS DOS SANTOS SILVERIO

Foz do Iguaçu
2025



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ARTE,
CULTURA E HISTÓRIA (ILAACH)**

HISTÓRIA – LICENCIATURA

**A QUEDA DE STROESSNER E O ASILO NO BRASIL:
UMA ANÁLISE A PARTIR DAS PÁGINAS DO JORNAL O GLOBO.**

LAURA BEATRIS DOS SANTOS SILVERIO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em História.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Renato da Silva.

Foz do Iguaçu
2025

AGRADECIMENTOS

Dedico este trabalho a minha mãe, que apesar da distância que nos separa, sempre esteve ao meu lado sendo minha maior torcida e minha maior inspiração. Quando eu pensava que a vida estava muito pesada, que eu estava sufocada, ela me dizia “Só aguenta mais um pouquinho, logo tudo isso vai terminar e você vai sentir saudades”. Obrigada mãe por ser meu farol nessa tempestade que é a vida.

Agradeço aos meus amigos Agatha e Anderson, que me encorajaram e vibraram comigo a cada conquista. Aos amigos que fiz ao longo da caminhada acadêmica, principalmente a Nicolly e ao Gabo, obrigada pelas risadas nos corredores, os lanches compartilhados no intervalo e por dividir comigo o amor pela História, sem o apoio deles não seria possível chegar até o final.

A minha família, a minha irmã Indianara e ao meu gatinho Lance, obrigada por me ouvir tagarelar sobre minha fascinação pelas aulas e sobre os temas dos meus trabalhos, é bom dividir essa parte da minha vida com vocês.

Por fim, agradeço imensamente a minha banca. Ao Professor Paulo Renato que é uma inspiração de pesquisador e que me apresentou a um tema que me fascinou, obrigada por acreditar no meu potencial e me guiar nesse processo. A Professora Endrica Geraldo, agradeço por me apresentar a imprensa e a pesquisa, você iniciou uma curiosidade em mim que nunca terá fim. A Professora Ana Rita, faltam palavras para agradecer todo o apoio prestado não só a mim, mas a todos os seus alunos, obrigada por trazer conforto a todos nós.

"Eu chorei com você e nós rimos juntos. Eu tinha expectativas e eu passei pela dor. Eu derramei tudo de mim e eu amei. Seguindo meu coração, do jeito que eu sou." – *That's okay*, Doh Kyungsoo.

“A literatura está aberta a todos. Recuso-me a permitir que você, mesmo que seja um bedel, me negue acesso ao gramado. Tranque as bibliotecas, se quiser; mas não há portões, nem fechaduras, nem cadeados com os quais você conseguirá trancar a liberdade do meu pensamento.”

Virginia Woolf

RESUMO

O objetivo deste trabalho é analisar as representações sobre o asilo de Stroessner na imprensa brasileira, concentrado no Jornal *O Globo*, com um recorte temporal que se estende da queda de Stroessner no dia 3 de fevereiro de 1989 até as eleições no Paraguai no dia 1º de maio de 1989. Com base em autores como Roger Chartier e José D'Assunção Barros, pretende-se compreender a postura do jornal diante das relações Brasil-Paraguai e, mais especificamente, no contexto da transição democrática brasileira, tendo em vista que o jornal foi um dos principais apoiadores à ditadura militar de 1964. O contexto histórico do período, o fim da ditadura militar no Brasil e a reabertura política, influenciaram a cobertura do jornal sobre o asilo concedido a Stroessner e a sua permanência no Brasil. A análise indica que o discurso adotado por *O Globo* procurou legitimar o asilo concedido pelo governo brasileiro, utilizando uma retórica centrada na democracia e nos direitos humanos, em acordo com os interesses políticos e econômicos da elite brasileira.

Palavras-chave: Stroessner; *O Globo*; Imprensa; Brasil-Paraguai; História Cultural.

RESUMEN

El objetivo de este trabajo es analizar las representaciones del asilo de Stroessner en la prensa brasileña, concentrada en el periódico *O Globo*, con un marco temporal que se extiende desde la caída de Stroessner el 3 de febrero de 1989 hasta las elecciones en Paraguay en 1º de mayo de 1989. Basándose en autores como Roger Chartier y José D'Assunção Barros, el trabajo busca comprender la postura del periódico sobre las relaciones Brasil-Paraguay y, más específicamente, en el contexto de la transición democrática brasileña, considerando que el periódico fue uno de los principales partidarios de la dictadura militar de 1964. El contexto histórico del período, el fin de la dictadura militar en Brasil y la reapertura política, influyeron en la cobertura del periódico sobre el asilo concedido a Stroessner y su estadía en Brasil. El análisis indica que el discurso adoptado por *O Globo* buscó legitimar el asilo concedido por el gobierno brasileño, utilizando una retórica centrada en la democracia y los derechos humanos, de acuerdo con los intereses políticos y económicos de la elite brasileña.

Palabras clave: Stroessner; *O Globo*; Prensa; Brasil-Paraguai; Historia Cultural.

INTRODUÇÃO

Em 26 de fevereiro de 2019, o então presidente do Brasil, Jair Bolsonaro, viajou a Foz do Iguaçu para anunciar a nomeação das novas autoridades da usina hidrelétrica de Itaipu, construída em parceria com o Paraguai nas décadas de 1970 e 1980. Na ocasião, estava acompanhado do presidente paraguaio Mario Abdo Benítez, filho de Mario Abdo, que foi braço direito do ex-ditador do Paraguai, Alfredo Stroessner, por mais de 30 anos.

Em seu discurso, Bolsonaro, declarou que a usina de Itaipu só foi possível “porque do outro lado havia um homem com visão, um estadista que sabia perfeitamente que seu país, o Paraguai, só poderia continuar progredindo se tivesse energia [...] Então, aqui está minha homenagem ao nosso general Alfredo Stroessner”. (apud CARNERI, 2019).

No discurso do ex-Presidente brasileiro – conhecido saudosista da ditadura militar brasileira¹ – podemos destacar a frase “nosso general Alfredo Stroessner”. Quando voltamos ao passado e falamos sobre Brasil e Paraguai sob regimes ditatoriais, é impossível não falar da “aliança” que foi estabelecida entre esses dois países, cujo principal símbolo é justamente a usina de Itaipu.

Em 1989 Stroessner foi derrubado no Paraguai e logo em seguida ocorreu outro exemplo dessa “aliança” entre os dois países. Stroessner recebeu asilo do Brasil, quando o país já estava sob o governo civil de José Sarney (1985-1990). Ao abordar a ditadura de Alfredo Stroessner, somos levados a refletir sobre um passado que desejamos nunca reviver. Uma ditadura unipessoal e autoritária que perdurou por mais de três décadas, a qual ao longo desse período, perseguiu e reprimiu a população e a oposição. Setores como a igreja, sindicatos, movimentos sociais e estudantis, passaram por torturas, violações de direitos humanos, detenções e desaparecimentos forçados. No entanto, a história não está enterrada, é crucial mantê-la viva, para lembrarmos dos horrores que ocorreram e evitar que sejam esquecidos. Lembrar que Stroessner recebeu asilo no Brasil, onde viveu tranquilamente até sua morte, é lembrar

¹ O saudosismo de Bolsonaro em relação à ditadura militar brasileira antecede seu mandato presidencial. Em 2016, por exemplo, durante a votação do impeachment da então presidente Dilma Rousseff, Bolsonaro prestou homenagem a um dos mais notórios torturadores do regime, o coronel Carlos Alberto Brilhante Ustra (Barbosa, 2021). Já em 2019, enquanto presidente, incentivou as comemorações pelos 55 anos do golpe militar de 1964 (Teófilo, 2019).

sobre a aliança que o país teceu com uma das ditaduras mais longas da América Latina – Stroessner permaneceu no poder entre 1954 e 1989. A memória de Stroessner, como podemos observar no discurso de Bolsonaro em 2019, permanece presente entre setores militares e políticos brasileiros, apesar dos horrores que cometeu, revelados ao público com a descoberta dos Arquivos do Terror.²

Na historiografia, sobre o stronismo, há uma lacuna significativa de estudos que investigam os motivos do pedido de asilo no Brasil, como ele passou seus últimos anos e o que levou seu corpo a ser enterrado aqui, em um país vizinho ao seu, e continuar aqui até os dias atuais. O objetivo deste artigo é analisar as representações sobre o exílio de Stroessner n’*O Globo*, de modo a compreender como o tema foi analisado pelo jornal e apresentado à sociedade brasileira – ou a setores dela.

Ao estudarmos a ditadura militar no Brasil, um período de 21 anos marcado por graves violações dos direitos humanos e forte censura à imprensa, é impossível ignorar o papel do jornal *O Globo*. Fundado em 1925 por Irineu Marinho, e já consolidado como uma referência importante na mídia brasileira na década de 1950 alcançando a marca de 100 mil exemplares, o jornal continuou suas atividades mesmo em um cenário em que diversos meios de comunicação foram fechados pela repressão ditatorial. *O Globo* não apenas permaneceu aberto, como também apoiou o golpe que depôs o então presidente João Goulart, tratando o golpe como uma “revolução pela democracia”. (Magnolo; Pereira, 2016, p. 12). O jornal *O Globo* é, atualmente, um dos jornais mais lidos no Brasil, tradicionalmente associado a uma linha editorial mais conservadora, com tendência a apoiar pautas liberais. Considerando o momento histórico que proponho estudar neste trabalho — de 3 de fevereiro de 1989 a 1º de maio de 1989 —, torna-se particularmente interessante analisar como o jornal tratou a

² Os Arquivos do Terror são o conjunto de documentos encontrados em 1992 no Paraguai, que comprovam a repressão utilizada pela ditadura de Alfredo Stroessner. Esse acervo inclui documentos, fitas de áudio e fotografias relacionados a torturas, violações sexuais, desaparecimentos forçados e detenções a opositores do regime, inclusive mulheres e crianças. Além dos depoimentos, o acervo contém documentos que comprovam a participação do Paraguai na Operação Condor, uma operação conjunta entre as ditaduras do Cone Sul. Países como Brasil, Argentina, Chile, Bolívia e Uruguai, trocavam informações sobre opositores foragidos e reprimiam grupos considerados uma ameaça ao regime. Por conta desses documentos, foi possível confirmar a participação dos Estados Unidos nas ditaduras da América Latina. (Barreto, 2016)

estadia de Alfredo Stroessner no Brasil. É importante lembrar que, em 1989, o país atravessava um processo de redemocratização, a quatro anos do fim da ditadura militar no Brasil, e se preparava para uma eleição presidencial em que a população voltaria a escolher seu governante pelo voto direto.

Este trabalho tem como objetivo central analisar como foram veiculadas as notícias pelo jornal *O Globo*, entre o fim da ditadura de Stroessner em 3 de fevereiro de 1989, observando sua chegada ao Brasil, até as eleições no Paraguai em 1º de maio de 1989, as quais elegeram Andrés Rodríguez como presidente. Embora a queda de Stroessner represente o fim de uma era, Rodríguez era do mesmo partido, o Partido Colorado. Apesar de estar em um processo de redemocratização, após 21 anos de regime militar, o Brasil concedeu asilo político a um dos mais longevos ditadores da América Latina. Pretendo observar qual estratégia jornalística *O Globo* adotou para narrar esse acontecimento e de que forma se posicionou diante dos interesses políticos da época.

Ao longo da análise, foi possível perceber uma queda significativa nas publicações que noticiaram o asilo de Stroessner no Brasil. Em fevereiro, há 84 notícias em que seu nome aparece; em março, esse número cai drasticamente para 28; em abril, são apenas 18; e, em maio, no último dia proposto no recorte - 1º de maio de 1989, data das eleições presidenciais no Paraguai - não há nenhuma notícia sobre o asilo de Stroessner.³ Por conta disto, foram priorizadas reportagens dos primeiros dias, pois foi possível perceber a forma como *O Globo* conduziu as notícias sobre a queda e a rápida concessão de asilo pelo governo brasileiro a Stroessner, com uma cobertura intensa entre o dia 5 a 8 de fevereiro de 1989, construindo uma narrativa, que procurava de forma não explícita, defender os interesses do governo brasileiro ao naturalizar a estadia de Stroessner no Brasil.

Em outras palavras, interessa-nos compreender como o jornal, que tinha apoiado a ditadura brasileira, cobriu o asilo dado a um ditador em um contexto de (re)construção da democracia no Brasil. Sua posição de destaque o torna uma fonte importante para compreender a maneira como a imprensa brasileira tratou eventos internacionais de grande impacto.

³ O GLOBO. Acervo digital do jornal O Globo. Rio de Janeiro: Infoglobo. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/acervo/resultado/>. Acesso em: 2 jul. 2025.

Ao utilizar jornais como fonte, destaque, conforme Tânia Regina de Luca, que é importante compreender que, enquanto historiadores, temos o compromisso de observar os acontecimentos de forma crítica, enquanto os periódicos, por outro lado, frequentemente expressam juízos de valor. Como reflete Roger Chartier (2002, pág. 17), a representação criada em torno de um objeto permite analisar os “relacionamentos dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza”, uma vez que nenhum discurso é neutro. Ainda que tentem aparentar imparcialidade, eles “[...] produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezados”. É fundamental identificar, ao ler um jornal, qual grupo ele representa e qual narrativa busca construir. O jornal não apenas transmite uma informação, mas seleciona e constrói a narrativa que deseja divulgar. Não se trata, necessariamente, de inverdades, mas de uma forma específica de apresentar os fatos. A escolha das palavras, o enquadramento da notícia, o uso (ou não) de imagens, o destaque gráfico, como o tamanho da fonte ou a posição do texto na página, são recursos que revelam a intencionalidade editorial. Segundo José D’Assunção Barros:

Sem que seja preciso dar como exemplo o caso mais óbvio e gritante das manipulações e distorções, não há nada de neutro na mais simples escolha encaminhada pelo jornal acerca *do que* informar, *de quando* informar, *de como* informar. (Barros, 2022, p. 593)

Essas estratégias têm como objetivo influenciar a forma como a mensagem é recebida pelo leitor, cuja interpretação também será condicionada por seu contexto social e cultural. Ainda assim, é importante reconhecer que os periódicos possuem o poder de manipular e direcionar a informação conforme seus próprios interesses.

Compreender *O Globo* como um agente histórico, e não apenas como fonte, implica considerar seu lugar no campo midiático, seu histórico editorial e a temporalidade vivida. De acordo com José D’Assunção Barros (2022), para trabalhar um jornal como fonte, é fundamental compreender seu funcionamento interno. Para que um jornal se mantenha ativo por tanto tempo, é necessário que haja demanda por seu conteúdo. Além de informar sobre fatos e acontecimentos, o jornal precisa empregá-los em um discurso que atenda à temporalidade em

que está inserido. No caso d'*O Globo*, a partir do recorte temporal proposto, isso significa dialogar com o processo de redemocratização e com a luta pelos direitos humanos, apesar de seu histórico de apoio à ditadura brasileira. É essencial entender que, por trás de um jornal, existe uma equipe editorial e uma complexa rede de decisões que culminam na publicação final. Não se trata apenas da opinião de um jornalista ou redator, mas de uma equipe que busca atender a um público amplo. Como afirma Barros (2022, p. 593): “[...] as decisões tomadas no polo editor sempre precisarão considerar o polo leitor, uma vez que este constitui a finalidade ou o alvo de todo jornal.” Porém, por mais que o jornal dependa do seu “polo leitor”, ele não necessariamente reflete como a sociedade respondeu a determinado momento histórico. O jornal não é a voz do público, mas a expressão de interesses específicos. Essa perspectiva orientou a análise da cobertura feita pelo jornal *O Globo* sobre a estadia de Alfredo Stroessner no Brasil.

Portanto, foi essencial compreender o contexto das relações Brasil-Paraguai para analisar como *O Globo* lidou com elas nesse momento de ruptura política. A queda de um ditador que governou o Paraguai por 35 anos, aliada à concessão de asilo por parte do Brasil, poderia representar uma instabilidade nas relações bilaterais. A cobertura e o discurso adotados por *O Globo* serviam aos interesses políticos de uma aliança que, após décadas de tensões, havia se consolidado. O jornal precisava abordar dois fatores importantes naquele contexto histórico: o fator econômico, relacionado às conexões comerciais entre os dois países - como a Ponte da Amizade e a Usina de Itaipu-, e o fator social, ligado ao processo de redemocratização vivenciado por ambos. O Brasil enfrentava sua primeira eleição democrática, enquanto o Paraguai saía de um regime ditatorial que perdurava há mais de três décadas.

A QUEDA DE ALFREDO STROESSNER, A TRANSIÇÃO DEMOCRÁTICA E AS RELAÇÕES BRASIL-PARAGUAI.

No dia 3 de fevereiro de 1989, dia do golpe militar que depôs Stroessner, a capa do jornal traz a seguinte notícia em destaque: “Golpe militar no Paraguai depõe General Alfredo Stroessner” (3 fev. 1989, p. 01). É importante destacar como o jornal define o evento, reconhecendo-o como um golpe militar liderado

por Andrés Rodríguez, que era então, como frisado ao longo das notícias, próximo a Stroessner, não só por ser sogro de um dos filhos do ditador, mas também por ser Comandante do Primeiro corpo do exército paraguaio. Stroessner utilizava de troca de apoio e favores para nomear cargos no governo e no exército, o que é comentado pelo jornal. *O Globo* destaca que Stroessner “combinou maliciosamente poderio militar, dádivas políticas e autodisciplina para controlar o Paraguai durante 35 anos” (4 fev. 1989, pág. 14).

Embora *O Globo* não esconda os laços entre Rodríguez e o ex-presidente, o jornal constrói uma narrativa de rivalidade entre os dois, deixando a entender que o golpe não foi somente pela “necessidade de que o país chegue a uma democracia autêntica” (4 fev. 1989, p. 15) como Rodríguez defenderia durante sua campanha à presidência, mas também por tensões políticas internas. A rápida ascensão de Rodríguez ao poder incomodava Stroessner que, percebendo a dificuldade de vencer mais uma eleição devido a sua saúde, cogitou indicar seu filho, Gustavo Stroessner, como sucessor à presidência do Paraguai. Tal decisão desagradou tanto Rodríguez quanto parte do Partido Colorado, que à época estava dividido entre os dois líderes (5 fev. 1989, pg. 15).

O jornal demonstra também a opinião do governo brasileiro com o novo presidente, ao anunciar que “O governo brasileiro está acompanhando atentamente o golpe de estado no Paraguai, na expectativa que o movimento resulte em avanços democráticos para aquele país.”. O então Deputado Ulysses Guimarães e o Presidente José Sarney “[...] afirmaram não ter ainda dados para afirmar se a derrubada do presidente Alfredo Stroessner resultará num regime democrático para o Paraguai” (4 fev. 1989, pg. 15).

É enfatizado diversas vezes ao longo da notícia a questão da democracia. *O Globo* mostra estar atento às novas mudanças necessárias para o período e quer deixar claro o olhar do lado brasileiro ao dizer que “O Presidente José Sarney [...] afirmou [...] que qualquer modificação no sentido de melhorar o sistema democrático na América Latina é saudado como um avanço.” E que o Brasil “é um ativista do processo de consolidação democrática na América do Sul.” (4 fev. 1989, pg. 15).

O processo de redemocratização enfrentado pelo Brasil ao final da ditadura militar ainda é muito questionado pela historiografia brasileira. Iniciado em 1974, esse longo processo foi marcado pelo contínuo controle dos militares.

Como define Guillermo O'Donnell (1987), tratou-se de uma “Transição Negociada”, comandada pelos interesses daqueles que estavam no poder negociando o passo a passo de como se daria a implementação da democracia sem perder o controle político. Isso significa que, embora a ditadura militar estivesse encontrando o seu fim, o sistema permaneceu sob o domínio do grupo conservador que esteve no poder durante o regime autoritário, não apenas o setor político, mas também a elite civil, que continuou exercendo grande influência sobre a nova ordem democrática. O conservadorismo patrimonial se manteve no comando e repercutiu em diversas áreas do mundo social, afetando a separação entre o público e o privado. Dessa forma, a elite política conservadora moldou instituições e políticas públicas com o objetivo de proteger seus interesses e evitar reformas que pudessem ameaçar a sua soberania. Essa nova democracia, pautada em um sistema liberal, tende a priorizar direitos civis e políticos, negligenciando os direitos sociais.

A imprensa, categorizada por Afonso de Albuquerque (2002) como um “Poder Moderador”, nesse momento de transição marcado pela instabilidade democrática, atuava como um agente responsável por manter a ordem, preservar a estabilidade política e defender o “bem comum”. Nesse contexto, o interesse comum, tanto do Estado quanto da população, era a democracia, a forma de alcançá-la, porém, não era objeto de questionamento. Não havia o afastamento de setores que apoiaram o regime ditatorial, como *O Globo*, que protegeu os interesses da elite brasileira ao defender a ditadura e continuava a proteger nesse momento de transição.

Esse papel de *O Globo* torna-se ainda mais evidente quando o jornal publica o parecer oficial dos Estados Unidos sobre o fim da ditadura stronista no Paraguai. O jornal destaca que o governo norte-americano demonstrou satisfação com a saída de Alfredo Stroessner do poder, recorrendo à retórica democrática por meio da declaração de Charles Redman, porta-voz do Departamento de Estado: “Nós daríamos as boas-vindas a um movimento genuíno em direção a uma forma mais democrática de governo naquele país” (4 fev. 1989, pg. 14).

Entretanto, ao ser confrontado por um jornalista com o fato de que essa suposta “transição democrática” ocorria por meio de um golpe de Estado liderado por Andrés Rodríguez, Redman, segundo *O Globo*, respondeu visivelmente

incomodado: “Como eu disse antes, nós apoiamos a democracia [...]”. Essa reação ambígua evidencia não apenas a contradição no discurso diplomático norte-americano, mas também a utilização seletiva da noção de democracia conforme os interesses geopolíticos em jogo. Além disso, o Paraguai é um exemplo paradigmático das dificuldades da transição na América Latina: apesar do crescente descontentamento popular, a ditadura caiu por ação de um grupo dissidente do mesmo partido que estava no poder.

Importa lembrar que, ao longo dos 35 anos da ditadura stronista, os Estados Unidos atuaram como importantes financiadores do regime, fornecendo, inclusive, tecnologias utilizadas em práticas de tortura e repressão política.⁴ O mesmo padrão ocorreu no Brasil, onde o golpe militar instaurado em 1964 também contou com apoio dos Estados Unidos, sob o argumento de contenção ao comunismo que, supostamente, ameaçava a América Latina.

Nesse contexto de redemocratização, o alinhamento do discurso d’*O Globo* com essa nova retórica internacional, pautada na defesa da democracia liberal, revela que o jornal não atuava como mero veículo informativo neutro.

André Bonsanto Dias (2019) discute a instabilidade política enfrentada por *O Globo* durante a transição da ditadura para a democracia. O autor destaca que o jornal, que apoiou abertamente o golpe militar de 1964, teve um papel político relevante e polarizador. Ao destacar que Stroessner “combinou maliciosamente poderio militar, dádivas políticas e autodisciplina para controlar o Paraguai” (4 fev. 1989, pg. 14) e mostrar as posições do governo brasileiro e norte-americano em favor da democracia, consideramos que *O Globo* tentava reconfigurar sua imagem em relação ao apoio que deu às ditaduras latino-americanas e à ditadura brasileira em particular, buscando preservar sua credibilidade e manter sua audiência diante de uma população que, após décadas de repressão, ansiava por um governo democrático. Outrora, apoiar o golpe e a ditadura representava a defesa de seus interesses econômicos e políticos, de acentuado anticomunismo; já a mudança de discurso durante as eleições democráticas indicava uma tentativa de se adaptar ao novo cenário político e internacional, marcado pelo fim das ditaduras na América Latina.

⁴ Para saber mais, Boccia Paz, González e Palau (2006).

Os interesses econômicos não estão menos presentes na transição, o que também podemos verificar na cobertura da queda de Stroessner pel' *O Globo*. O jornal demonstra muita preocupação com um possível prejuízo à Itaipu. Na matéria "Itaipu não será afetada, diz Ney Braga", o então Presidente da Itaipu Ney Braga assegura que "Os dois governos, brasileiro e paraguaio, tiveram sempre muito respeito pela autonomia dos dois países" (4 fev. 1989, pg.15). Ele ainda declara que o Brasil detinha uma dívida de energia com o Paraguai, que não foi paga, mas que estaria sendo negociada.⁵ Já em outra notícia do mesmo dia foi relatado que, "Apesar das declarações feitas ontem pelo Presidente José Sarney, o Brasil deverá reconhecer rapidamente o Governo de Andrés Rodriguez [...] por vários motivos, mas sobretudo pela importância de preservar um bom relacionamento por causa de Itaipu."⁶ Um diplomata declara que "O Paraguai é importante demais. Afinal, Itaipu fornece a energia de São Paulo, além de ser um grande parceiro comercial."

As notícias evidenciam a importância estratégica de Itaipu como um elo fundamental entre Brasil e Paraguai, uma aliança consolidada durante o governo de Stroessner. Itaipu simboliza mais do que uma parceria energética: é um ponto de sustentação nas relações entre os dois países. Segundo Silva (2010):

As negociações com o Paraguai nos anos de 1960, neste sentido, iniciadas no período da ditadura brasileira foram facilitadas pela ditadura de Stroessner para qual o problema do perigo comunista era mais latente. Estrategicamente, para o Brasil, a construção da barragem de Itaipu serviu aos objetivos de resolver a pendência da fronteira com o Paraguai, já que era uma região de litígio ainda não resolvida e, também, aumentar o poder de controle sobre o Cone Sul, particularmente no que tange à Argentina, o principal país na disputa pelo controle da Prata. (Silva, 2010, p. 69)

Historicamente, a relação entre Brasil e Paraguai sempre foi marcada por representações complexas. Desde a Guerra da Tríplice Aliança, com a marca

⁵ Como descreve *O Globo* ao longo da notícia, a energia produzida por Itaipu é dividida entre os dois países. No entanto, o Paraguai consome apenas 3% do potencial gerado e, conforme previsto no acordo de construção da usina, o Brasil adquire a energia excedente. Em 1989, a dívida do Brasil com o Paraguai com a aquisição de energia já somava cerca de U\$22 milhões e não havia sido paga. (4 fev. 1989, pg. 15) Essa cláusula do acordo gerou debates acerca do domínio do Brasil sobre o Paraguai, que era obrigado a vender sua energia somente para o Brasil.

⁶ Na matéria "Sarney espera aperfeiçoamento do regime", o presidente José Sarney declara que "não reconhecerá oficialmente o novo governo paraguaio porque o Brasil segue uma tradição diplomática de não fazer atos de reconhecimento." (4 fev. 1989, pg. 15)

deixada pela derrota paraguaia, até a construção da Ponte da Amizade, predominou no Brasil a imagem do Paraguai como um país que necessitava de “proteção”, da tutela brasileira para se desenvolver.

Silva e Dias Júnior (2019), em uma análise sobre as representações da construção da Ponte da Amizade *n’O Globo*, demonstram que a obra surgiu como um “presente” do Brasil ao Paraguai. Com a criação de Itaipu, o Paraguai deixou de ser visto apenas como um país vizinho que necessitava de ajuda brasileira e passou a ocupar um papel necessário para o Brasil. Isso não significa que as antigas representações desapareceram, mas que novas narrativas foram surgindo, ampliando as percepções sobre a relação entre os dois países

A Usina de Itaipu se tornou uma resolução dos problemas entre os dois países, encerrando o litígio fronteiriço por meio do Tratado de Itaipu, assinado em 1973.⁷ A construção da usina reforçou o discurso de “ordem e progresso” promovido pelos regimes ditatoriais instaurados no Brasil e Paraguai, simbolizou um passo importante na integração econômica bilateral e intensificou a imagem construída de irmandade entre as duas nações. Assim como a Ponte da Amizade havia unido “simbolicamente” os povos, a construção da usina hidrelétrica agora os aproximava em um projeto de desenvolvimento energético que atenderia economicamente os dois países.

Com a transição política no Paraguai, processo pelo qual o Brasil também passava, os discursos oficiais começaram a se transformar. Sob a nova perspectiva do fim das ditaduras na América Latina, tornou-se necessário reformular a narrativa sobre a aliança entre Brasil e Paraguai. Já não se tratava mais de celebrar uma parceria forjada por dois regimes autoritários, mas de reinterpretar essa cooperação à luz de valores democráticos. O fim do regime de Stroessner, no entanto, não implicava o fim do tratado de Itaipu. A insistência de *O Globo* em apresentar uma imagem de estabilidade entre os dois países evidencia a importância estratégica e comercial da Usina de Itaipu. Como

⁷ Os antecedentes diplomáticos do Tratado de Itaipu são marcados por discursos que reforçavam identidades nacionais. A região das Sete Quedas entre Guaíra no Brasil e Saltos del Guairá no Paraguai era considerada pelos paraguaios como um território em litígio fronteiriço. Em 1965 a relação entre os dois países se acirrou devido a alegação paraguaia de que tropas brasileiras teriam invadido o país na região de Sete Quedas. No ano seguinte, em 1966, foi assinada a Ata de Iguazu, que estabeleceu as negociações para a construção de uma represa hidrelétrica entre os dois países, o que anos depois, colocou fim ao litígio fronteiriço devido a formação do lago de Itaipu no território em disputa. (Colmán, 2014)

destacado pelo jornal, em 1989 a usina hidrelétrica, além de ter cerca de sete mil trabalhadores, abastecia “25% das necessidades de energia das regiões Sul, Sudeste e Centro/Oeste brasileiras, além de responder por 60% do consumo paraguaio.” (04 fev. 1989, pg. 15).

Mais do que uma obra de infraestrutura, ela era apresentada como um símbolo do poder do capital e da grandiosidade tecnológica, refletindo a relevância das relações bilaterais e seu impacto duradouro no cenário regional.

Imagem 1



Fonte: O Globo, 3 fev. 1989, Primeiro Caderno, p. 1.

Na capa do jornal, a matéria intitulada “Golpe no Paraguai depõe General Stroessner”, anuncia o “[...] primeiro levante militar contra o Presidente Alfredo Stroessner desde que ele assumiu o poder, também no bojo de um movimento militar, em 1954.” (3 fev. 1989, pg. 1). Essa matéria divide o espaço de destaque com uma foto das investigações do acidente da embarcação Bateau Mouche. A tragédia, que ocorreu na virada do ano, resultou na morte de 55 pessoas, entre elas a atriz global Yara Amaral, e estava sendo investigada, mantendo-se como um tema de destaque pel’O Globo. O conjunto entre as duas matérias, que ocupam a parte superior da capa, revelam a importância do tema da mudança de governo no Paraguai nas páginas do periódico.

O ASILO DE STROESSNER NO BRASIL.

Desde a notícia do golpe há muitas especulações sobre onde Stroessner ficaria exilado. É comentado sobre o possível exílio no Chile, Bolívia ou Miami. Até que no dia 6 de fevereiro de 1989 saiu na manchete de capa que o Brasil havia concedido asilo político a Stroessner. O jornal diz que o asilo foi concedido no dia anterior, 5 de fevereiro. Desde sua chegada, Stroessner ficou hospedado na casa de visitas das centrais elétricas de Furnas, em Itumbiara, Goiás. O pedido foi recebido no sábado à noite, no dia 05 de fevereiro de 1989, escrito pelo filho de Stroessner, Gustavo.

Assim como no dia da queda de Stroessner, ocorrida na madrugada de 3 de fevereiro de 1989, o jornal noticiou com agilidade o seu pedido de asilo, que ganhou destaque na capa da edição de 6 de fevereiro. Fotografias do ex-ditador embarcando no avião no Paraguai e desembarcando no Brasil ilustravam a cobertura. A reportagem detalha minuciosamente diversos aspectos do episódio: o número de pessoas que o acompanharam, o nome da aeronave, a quantidade de bagagens, a roupa que vestia, a escolta composta por policiais e militares brasileiros e as condições de conforto e segurança da residência onde se hospedaria. Na página 3 *O Globo* destaca na matéria “Ex-Presidente fica em casa de hóspedes de Furnas” que:

Entre os acompanhantes do ex-Presidente paraguaio estavam, além de um dos seus filhos, Gustavo, e da nora, três seguranças e o Ministro conselheiro da Embaixada do Brasil no Paraguai, Virgílio Moretzonn. Segundo as informações do Itamaraty, Stroessner e seus acompanhantes traziam pouca bagagem e trocaram o Boeing 707 da Linhas Aéreas Paraguaias que os levou até São Paulo por um avião Brasília das Força Aérea Brasileira para chegar a Itumbiara. (6 fev. 1989, pg. 3).

Essa atenção aos detalhes revela não apenas o esforço do jornal em informar, mas também seu interesse em construir uma narrativa chamativa sobre a chegada do ex-presidente paraguaio ao Brasil. O destaque que o jornal deu à notícia da concessão de asilo político a Stroessner evidencia o prestígio jornalístico que *O Globo* buscava manter ao cobrir um acontecimento de política internacional. A forma como cada detalhe do episódio foi retratado, quase de maneira cinematográfica, revela o esforço do jornal em se apresentar como uma fonte “confiável” de informações, sem deixar lacunas na cobertura. Como foi discutido no tópico anterior, o Paraguai sob Stroessner representava uma

aliança consolidada, marcada por avanços significativos para o lado brasileiro e pela predominância do Brasil sobre o Paraguai. O acolhimento de um asilado político reforçava a imagem do Brasil como um ator central e estável, comprometido com os direitos humanos, uma mensagem que o jornal buscou transmitir na edição de 6 de fevereiro de 1989.

Na página 3, inteiramente dedicada à cobertura da estadia de Stroessner, há o seguinte título: “‘Velha amizade’ justificou o pedido”. O *Globo* afirma que, de acordo com o Embaixador do Paraguai, Salvador Prestes, Stroessner escolheu o Brasil para se exilar porque "este País tem sido um bom amigo do Paraguai e o presidente Stroessner sempre foi um amigo do Brasil". Segundo ele, a concessão de asilo pelo governo brasileiro segue um acordo de asilo político entre os países da América Latina, que "sempre foi respeitado pelo Brasil".⁸ Paredes ainda destaca que Stroessner possui uma casa de praia em Guaratuba, no Paraná. (06 fev. 1989, pg. 3).

O fato de Stroessner ter residência no Brasil também é usado como justificativa para sua estadia. Na edição de 07 de fevereiro de 1989, no destaque "Guaratuba e Uberaba, as duas opções de 'Don Alfredo' para viver no Brasil", o jornal noticia que "Stroessner possui na cidade uma mansão de 17 quartos, [...] onde todos os anos passava de dez a 30 dias de férias." A mansão em Guaratuba (PR), presente de seu amigo paraguaio Coronel Feliciano Duarte, segundo o prefeito Aldo Abagge, seria um lugar onde Stroessner "'se sentiria em casa', pois tem muitos amigos, inclusive paraguaios que compram casas para veranejar". O jornal informa ainda que na cidade foi construída uma praça em sua homenagem pelo ex-prefeito Antônio Francisco Ferreira da Costa. De acordo com as reportagens que seguem na mesma página, caso escolhesse Uberaba (MG), Stroessner também poderia ficar tranquilo, pois tinha amizade com criadores de gado do Triângulo Mineiro. Além de realizar compras de gado e participar de feiras agropecuárias na cidade, ele também possui amigos pecuaristas em Goiânia. (07 fev. 1989, pg. 3).

⁸ A X Conferência Interamericana, também conhecida como Conferência de Caracas, realizou em 1954 uma convenção sobre asilo diplomático e outra sobre asilo territorial. A primeira declarou em seu art. 2º, que "[...] todo Estado tem direito a conceder asilo; entretanto não está obrigado a outorgá-lo nem a declarar por que o nega". Já a convenção do asilo territorial "[...] trazia o direito dos estados a admitir dentro de seu território - e em exercício de sua soberania - 'as pessoas que julguem convenientes, sem que por causa do exercício desse direito nenhum outro Estado possa manifestar qualquer tipo de oposição'". (Roniger, 2010, p.97)

Em uma entrevista concedida ao repórter Alexandre Garcia da TV Globo, exibida no programa Globo Repórter, Stroessner comenta que, a princípio, ficaria no país porque teria muitos amigos no Brasil. “O ex-governador de Goiás, Ary Valadão, é um bom amigo. O reitor da Universidade de Uberaba, Mário Palmério, também. Tenho uma lista grande de amigos aqui” (apud *O Globo*, 11 fev. 1989, pg. 3). O que fica em evidência é que não faltavam opções de lugares no Brasil para Stroessner se exilar, já que sua figura representava uma aliança com a elite brasileira.

Já Ney Braga, presidente da Itaipu, declarou que considerava “absolutamente normal a presença do ex-Presidente do Paraguai [...], porque ele sempre foi um grande amigo do Brasil.” Além disso, em sua opinião, “A política diplomática brasileira respeita a autodeterminação dos povos [...]” (7 fev. 1989, pg. 3)

As notícias que destacam a disposição do Brasil em receber um exilado político não ressaltavam apenas a defesa de um acordo internacional, mas também o “respeito” à nova Constituição, promulgada após o fim da ditadura brasileira, em 1988. Conforme a entrevista concedida a *O Globo* pelo ministro da Justiça, Oscar Dias, “[...] o Brasil não poderia ter negado o asilo porque ele é garantido pelo artigo 4º da Constituição”⁹ (10 fev. 1989, pg. 3). Sobre o asilo político, Francisquini e Amaral (2011) destacam que:

A Constituição de 1988 quebra com a ditadura e com o formalismo do costume e hábito das cartas anteriores consagrando os direitos fundamentais do homem como sendo matéria de ordem internacional, ensejando na prática a busca de adoção de uma postura de proteção aos direitos humanos em suas relações exteriores. (Francisquini; Amaral, 2011, p. 4).

Fica evidente entre as notícias não só a importância do Brasil se comprometer com a democracia e as leis da nova constituição, mas a aliança do regime stronista com o Brasil.

Stroessner já havia estabelecido contato com o Brasil antes mesmo de se tornar presidente do Paraguai. Meses antes do golpe de 1954 que o levaria ao poder, Stroessner visitou o país a convite das Forças Armadas. Foi contrário à

⁹ “Art. 4º A República Federativa do Brasil rege-se nas suas relações internacionais pelos seguintes princípios: (...) X - concessão de asilo político.” (Brasil, 1988, p.01).

assinatura do Acordo de União Econômica entre o Paraguai e a Argentina (1953) e, assim que assumiu a presidência, declarou intenções claras de aproximação com o Brasil. O discurso de amizade que Stroessner tanto enfatizava em suas entrevistas não era algo novo. Interesses políticos já uniam os dois países muito antes de sua chegada ao poder.

No entanto, foi durante o governo de Stroessner que essa relação se intensificou e se consolidou. As obras bilaterais, os acordos e os tratados firmados entre Brasil e Paraguai serviram ao discurso de progresso propagado pela ditadura stronista, ao mesmo tempo em que atendiam aos interesses estratégicos e econômicos do Brasil, como o acesso ao mercado consumidor paraguaio e o fortalecimento de sua presença geopolítica no Cone Sul. (Moraes, 2007)

Na entrevista intitulada “Stroessner afirma que deseja continuar no Brasil”, concedida no dia 11 de fevereiro de 1989, ao ser questionado sobre as relações Brasil-Paraguai, Stroessner respondeu com entusiasmo, “reafirmou a necessidade de se intensificar a cooperação para o progresso dos dois países” e comentou que outro projeto importante era a união ferroviária entre o Brasil e o Paraguai. (apud *O Globo*, 11 fev. 1989, pg. 3)

Quando perguntado sobre a solidão durante sua estadia no Brasil, Stroessner afirmou estar com a consciência tranquila, pois, segundo ele, sempre agiu pelo bem de seu país. Em suas palavras, governou um Paraguai onde “funcionavam as instituições democráticas de acordo com a Constituição e as eleições eram feitas com toda a liberdade”. Stroessner declara que:

- O caso do Paraguai parece que foi especial. Sempre fiz sondagens políticas, ouvi gente qualificada e o povo em geral. O Exército dizia: “é a você que cabe a condução do país, fique”. Nada foi feito com imposições. (apud *O Globo*, 11 fev. 1989, pg. 3).

Ao longo da entrevista, insistiu diversas vezes na ideia de que seu governo era aberto à opinião pública e encerrou a fala reforçando “que teve apoio popular nos 34 anos que estive na Presidência do Paraguai. Para ele, este apoio se baseava na melhoria das condições de vida do povo.” (apud *O Globo*, 11 fev. 1989, pg. 3)

Para um mero leitor, essa entrevista pode ser interpretada como uma simples seleção de perguntas e respostas entre o repórter e o entrevistado; no

entanto, tratando-se de um ex-presidente que liderou por 35 anos um governo marcado por eleições fraudulentas e denúncias de violações dos direitos humanos, a entrevista não pode ser considerada neutra. A entrevista divide a seção *O País* com outras notícias sobre as eleições presidenciais do Brasil. Além disso, considerando a seleção de perguntas feita pelo repórter Alexandre Garcia, que também cobriu a promulgação da Constituição de 1988 e as eleições de 1989, é possível perceber que a entrevista é estruturada de maneira a defender ou pelo menos poupar a figura de Stroessner.

O entrevistador questiona sobre a estadia do ditador no Brasil, e é confirmado por Stroessner que ele possui amigos no país, o que facilitaria sua permanência. A conversa se volta para o futuro das relações Brasil-Paraguai, destacando a importância da cooperação entre os dois países, com a garantia de que, mesmo que o Partido Colorado perdesse a presidência para a oposição, as relações bilaterais permaneceriam inalteradas. Não há menção à ditadura instaurada por Stroessner no Paraguai por 35 anos. Em vez disso, segue-se uma narrativa voltada para a “vitimização” do ex-presidente, mantendo-se a imagem construída pela ditadura stronista, segundo qual o regime teria sido uma solução para os períodos políticos turbulentos que o país enfrentou. Como Stroessner afirma ao final da entrevista, “Assumi a presidência após um período em que o país teve oito presidentes em seis anos, entre 1948 a 1954. Aquilo era qualquer coisa, menos democracia.” (11 fev. 1989, pg. 3).

O discurso que *O Globo* busca produzir para o leitor é o de que Stroessner já era uma figura bem conhecida no Brasil, especialmente entre os políticos brasileiros, quase um símbolo do discurso de “irmandade” tantas vezes reproduzido entre as duas nações. Ao adotar essa narrativa, o jornal reforça os interesses políticos da elite brasileira, apoiando-se no conservadorismo e na retórica cristã, valores também sustentados pelo regime militar brasileiro instaurado anos antes. Para *O Globo*, o asilo concedido a Stroessner:

Trata-se de tradição cristã, é bom lembrá-los. O asilo está na linha das “obras de misericórdia” enumeradas nos velhos catecismos católicos. Foram, aliás, os bispos medievais os pioneiros da concessão de asilo - em benefício não apenas dos servos, das mulheres, dos órfãos, mas dos próprios procurados pela polícia senhorial ou real. (9 fev. 1989, pg. 4)

Assim o jornal também busca tranquilizar o leitor ao criar um clima de legitimação em torno do asilo concedido a Stroessner, apelando para um elemento caro do imaginário social brasileiro, a crença religiosa. O cristianismo, durante as ditaduras, era um dos pilares do anticomunismo das ditaduras e seus aliados, pois seria preciso defender as “tradições cristãs” da América Latina contra o “ateísmo comunista”; agora o cristianismo fundamentaria o asilo ao ditador. O Brasil não estaria abrigando apenas um notório ditador que governou por 35 anos, mas um importante aliado estratégico, alguém que, ao lado do governo brasileiro, protagonizou a construção de obras de infraestrutura que teriam trazido “modernização” para ambos os países.

Imagem 2



Fonte: *O Globo*, 6 fev. 1989, Primeiro Caderno, p. 1

Na Imagem 2, capa do jornal, a matéria “Brasil concede asilo a Stroessner”, ganha destaque no centro da página, acompanhada de imagens do ex-Presidente saindo do Paraguai e chegando com a sua comitiva no Brasil. A charge do desenhista Chico Caruso, representa Stroessner sentado no colo de sambistas, segurando o que parece ser um chapéu com orelhas de burro.

A charge publicada pelo *O Globo*, ao retratar Stroessner sentado no colo de sambistas durante o mês em que tradicionalmente ocorre o Carnaval, cria uma imagem que sugere que o Brasil estaria se submetendo a Stroessner ao conceder-lhe asilo, como se o país estivesse “dançando” conforme a vontade do ditador. O chapéu de burro que Stroessner segura na

imagem, pode ser interpretada de duas formas, por um lado como uma fantasia típica carnavalesca; por outro lado, como uma crítica do chargista Chico Caruso á figura de Stroessner, associando-o a um “burro”, animal cujo nome representa a ideia de estupidez e falta de inteligência.

ENTRE O DITADOR E O ASILADO.

Foi perceptível como *O Globo* buscou “humanizar” a imagem de Stroessner. Embora algumas reportagens abordassem os problemas existentes durante o seu governo, consideramos que, após sua chegada ao Brasil, o jornal, passou a evitar falar explicitamente sobre a ditadura stronista. O jornal reduziu as notícias sobre o período em que Stroessner governou o Paraguai.

Chama atenção uma notícia publicada em um quadro pequeno em 08 de fevereiro de 1989, mas que parece bastante significativa. Com o título “Carnaval na televisão: o lazer de um ex-Presidente”, a matéria descreve momentos de tranquilidade vividos por Stroessner durante sua estadia na casa de Furnas. O texto destaca seu cotidiano: “Vê televisão com frequência - principalmente os desfiles de Carnaval - e lê com interesse os jornais que lhe são entregues. Conversa muito com o filho Gustavo e os seguranças paraguaios e brasileiros” (8 fev. 1989, pg. 3). Também são mencionados aspectos como sua alimentação, a presença da família, seu estado de saúde e até o depoimento de um segurança que afirma gostar de conversar com Stroessner, dizendo que o “[...] considera uma pessoa afável no convívio diário, sempre disposta a falar sobre os mais diversos assuntos.” (8 fev. 1989, pg. 3).

Em um texto que podemos considerar como “sentimental”, intitulado “Uma tradição de princípios”, o jornal faz um apelo à população ao dizer que “O asilado em Itumbiara não é o general Stroessner, nem o ditador do Paraguai durante mais de 30 anos: é o destituído e reduzido à condição de homem comum, comprometido a se conduzir como tal, enquanto estiver sob o benefício do asilo.” (9 fev. 1989. pg. 4)

Apesar de seguir esse caminho de procurar naturalizar a estadia de Stroessner no Brasil, *O Globo* também evidencia a opinião pública. O jornal não esconde as opiniões contrárias da população. Conforme destacamos, o jornal abriu espaço para manifestações especialmente de lideranças políticas

favoráveis ao asilo – como os prefeitos de Guaratuba e Uberaba¹⁰; contudo, também encontramos protestos contra a estadia de Stroessner. Alguns desses protestos foram publicados na coluna “Carta dos Leitores”.

No período estudado, essa coluna é encontrada diariamente na página 4 d’*O Globo*, onde eram publicadas cartas dos leitores dando a opinião sobre acontecimentos que o jornal cobriu ou estava cobrindo. Encontramos os seguintes comentários contrários ao asilo de Stroessner no Brasil:

“[...] há de se notar que o asilo não foi concedido pela Constituição, por tradição ou por amparo a um indivíduo - acreditar nisso é demasiado ingenuidade e demência. Stroessner não pediu asilo ao Brasil por pura amizade ou mera simpatia, mas por interesses próprios. Paulo Simão Villella.” (15 fev. 1989)

“O povo brasileiro deve se unir e exigir a expulsão do ditador Stroessner de nosso país. Já temos corruptos demais e inúmeros problemas internos [...]. Glória Vianna.” (16 fev. 1989)

“Como cidadão que respeita as leis e paga todos os impostos [...] me sinto ofendido com a presença no País de um indivíduo que é justamente o contrário de um bom cidadão e que se chama Fuão Stroessner. Trata-se de um assaltante do poder em benefício próprio [...]. José J. Velga.” (17 fev. 1989)

“O mérito maior do General Alfredo Stroessner foi ter imposto ao Paraguai a mais terrível ditadura de toda a sua história. Não respeitou direitos humanos, massacrou seu povo e enriqueceu ilícitamente. Octávio Ramalho Neto.” (17 abr. 1989)

Não encontramos cartas que demonstrem apoio ao ex-Presidente do Paraguai. Apesar de o jornal humanizar a figura de Stroessner; de relacioná-lo à história e cultura brasileiras, como demonstram as referências a Itaipu e à menção de que assistiria ao Carnaval pela televisão; e de amparar a concessão do asilo em leis internacionais e na Constituição brasileira, observamos que o asilo despertava reações contrárias em setores da sociedade brasileira. Nas cartas acima, o asilo é associado a interesses pessoais do ex-ditador paraguaio e Stroessner é relacionado à corrupção e ao autoritarismo. Essas manifestações contrárias, ainda que tenham ocupado um espaço secundário no jornal, não

¹⁰ Na matéria “Prefeito acolherá bem o novo morador, mas Oposição protesta.”, o Prefeito da cidade de Uberaba, Hugo Rodrigues da Cunha, declara que receberá Stroessner como um cidadão comum, pois enquanto Stroessner era presidente do Paraguai fez bons negócios com o Brasil, que não cabe a ele discutir as decisões do governo brasileiro e “muito menos se Stroessner era ditador ou não.” (8 fev. 1989, pg. 3)

puderam ser totalmente ignoradas pel'O Globo em um período de "transição" para as democracias, apesar do passado do jornal ligado à ditadura brasileira.

Imagem 3



Fonte: O Globo, 8 fev. 1989, Primeiro Caderno, p. 3.

Página quase que inteiramente dedicada o asilo de Stroessner no Brasil. Em meio a notícias sobre manifestações contra o ex-Presidente e declarações favoráveis à sua estadia, como "Petistas atraem pouca gente para manifestação de protesto" e "Prefeito acolherá bem novo morador, mas Oposição protesta", a matéria "Carnaval na televisão: o lazer de um ex-Presidente" ganha enquadramento em meio as manchetes que se conectam e se completam na página. Ao enquadrar a notícia no canto da página o jornal procurou tratar a estadia de Stroessner e sua mudança de moradia como uma questão "natural" em um período curto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS.

Entre a queda de Stroessner em 3 de fevereiro de 1989 e a eleição de Rodriguez em 1º de maio, foi possível observar que a publicação não adotava uma posição explícita de apoio ou rejeição ao ditador paraguaio, ainda que, historicamente, o jornal tenha sustentado posturas favoráveis a regimes autoritários na América Latina.

Como destacado na matéria “Ditador governou 35 anos com mão de ferro”, o jornal *O Globo* denominava a figura de Stroessner da seguinte forma:

Criticado por sistemáticas violações dos Direitos Humanos, incluindo ordens de prisão contra seus adversários políticos, e concessões de asilo a criminosos de guerra nazistas [...] e traficantes de drogas, o ex-soldado de carreira, Tenente, Capitão [...] e Chefe das Forças Armadas em 1951 conseguiu, apesar de tudo, introduzir a reforma agrária, reduzir o número de desempregados e melhorar a situação dos camponeses, que formam a maior parte do país. (4 fev. 1989, pg.14)

O Globo percorreu a trajetória de Stroessner ao longo das notícias, relembrou seu lugar como ex-Presidente do Paraguai e como “o mais antigo ditador do Mundo, há 35 anos no poder” (4 fev. 1989, pg. 1), envolvido em acusações de comandar um regime ditatorial, mas, ao mesmo tempo, recordou ao leitor da suposta melhoria do Paraguai sob seu governo e como o país, “amigo de longa data”, contribuiu com a economia brasileira, como mostraria a construção de Itaipu. Era quase como um “dever” do povo brasileiro receber Stroessner, alguém que trouxe obras de progresso em conjunto com o Brasil, que aceitou tratados e que abriu seu país à “irmandade” entre as duas nações.

Na transição, o jornal agora ocupava um espaço amplo no mercado editorial. Outros impressos voltaram a circular com o fim da censura midiática pela ditadura militar e os já existentes ampliavam suas pautas e perspectivas. Naquele contexto, *O Globo* precisava defender seu lugar de prestígio no meio editorial. Para isso, era necessário atender às demandas do “polo leitor”, o que incluía não se posicionar de forma explícita em defesa de um lado da história – talvez por isso o Grupo Globo tenha demorado tanto para realizar um mea-culpa em relação ao apoio dado ao golpe de 1964 no Brasil, o que foi feito apenas em 2013.¹¹

“Além disso, torna-se bem característico o jogo de interação entre a informação e a opinião, pois ao jornal não cabe apenas informar, mas também

¹¹ Na matéria “Apoio ao golpe de 64 foi um erro”, *O Globo* escreve que a lembrança do apoio ao golpe militar é incomoda, mas que não pode ser refutada e destaca que outros “grandes jornais” e uma parcela da população também mostraram apoio, com a justificativa de que temiam um outro golpe comandado pelo presidente João Goulart. Nessa “mea culpa” o jornal denomina a ditadura como um “movimento dos militares” e defende a escolha de Roberto Marinho, que “sempre esteve ao lado da legalidade”. Ao explicar a razão pelo apoio, *O Globo* transfere a responsabilidade de culpa, como se o apoio ao golpe de 64 fosse a única escolha possível dado o contexto histórico do período. (Memória *O Globo*, 2013)

convencer e comover.” (Barros, 2022, p. 593). Essa ambiguidade reflete a complexidade das representações construídas pela imprensa e reforça a necessidade de uma análise crítica e contextualizada dos discursos. O jornal *O Globo* passou a se dirigir a um público que agora estava retornando as urnas para escolher seu presidente. O contexto histórico do período, o fim da ditadura militar no Brasil e a reabertura política, teve repercussões no jornal e na cobertura do asilo concedido a Stroessner. A tentativa de “humanização” de Stroessner, promovida pelo jornal, transformando-o em apenas um cidadão idoso e doente que tinha encontrado asilo em um país vizinho para viver em tranquilidade, não foi aceita por partes dos leitores, a julgar pelas cartas que comentamos anteriormente.

Foi interessante perceber que notícias importantes sobre a ditadura stronista foram perdendo destaque, como a do dia 3 de abril de 1989, com o título "Achadas fossas do terror", a matéria dizia:

A organização de defesa dos Direitos Humanos Comitê de Igrejas para Ajudas de Emergência anunciou ter encontrado às margens de um arroio uma fossa comum contendo entre 30 e 50 cadáveres de pessoas assassinadas durante o regime do Presidente Alfredo Stroessner. [...] os cadáveres desenterrados dias atrás confirmaram a existência de fossas comuns destinadas a opositores do regime de Stroessner. (pg. 11)

A notícia ainda conta com uma foto de Andrés Rodriguez e mistura a descoberta dos restos mortais de desaparecidos com as eleições presidenciais, como se isso fosse agora, um problema do Paraguai, e não de Stroessner, já que ele não era mais presidente nem morador do país.

É possível afirmar que Stroessner viveu e morreu com certa tranquilidade no Brasil. Inclusive, após sua morte em 2006, seu corpo permanece até hoje em solo brasileiro, sem ter sido reivindicado por seu país de origem. *O Globo*, ao dar espaço para uma representação humanizada de Stroessner; para seus vínculos com o Brasil e para os motivos legais que amparariam o asilo, contribuiu para legitimar sua estadia no Brasil, mostrando o poder político da imprensa, inclusive, sobre as relações internacionais. O episódio do asilo demonstra não somente como as relações Brasil-Paraguai foram estreitas durante a ditadura Stroessner,

mas também o histórico de impunidade que marcou – e marca – a transição para a democracia nos dois países.¹²

¹² Correio Brasiliense, 2020.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, Afonso de. **Um outro quarto poder: imprensa e compromisso político no Brasil**. Revista Fronteiras: estudos midiáticos, São Leopoldo, RS, v.1, n.1, p. 23-57, dez. 1999.

BARRETO, Anna Flávia Arruda L. **Arquivos do terror e stronismo: memória, história e luto**. Revista Quaestio Iuris, Rio de Janeiro, v. 9, n.1, p. 140-163, 2016.

BARROS, José D'Assunção. **Considerações sobre a análise de jornais como fontes histórica, na sua perspectiva sincrônica e diacrônica**. História Unisinos, v. 26, n 3, Set/Dez, 2022.

BERTOLI, Jéssica M.; MAFRA, Luiz A. S. **Ressurge a Democracia? A influência da mídia no processo político brasileiro**. RDS, v. 8, n. 1, p. 25-44, 2022.

BOCCIA PAZ, Alfredo; GONZÁLEZ, Myrian; PALAU, Rosa M. **Es mi informe: los archivos secretos de la policía de Stroessner**. 5. ed. Asunción: Servilibro, 2006. Cap. 3, p. 59–92.

COLMÁN, Emilio A. **O caso Sete Quedas: identidade e imagens do Brasil e do Paraguai nos jornais O Estado de São Paulo e La Tribuna (1964-1966)**. Anais do XI Encontro Internacional da ANPHLAC, Rio de Janeiro, 2014.

CHARTIER, Roger. **A história cultural entre práticas e representações**. São Paulo: Difel, 2002. Introdução, p. 13–28.

DA SILVA, P. R.; DIAS JÚNIOR, W. de A. **De "Estadista" a Ditador: A repercussão do exílio de Péron no Paraguai nas representações sobre Stroessner e seu Governo n'O Globo (1954-1955)**. Revista Tempos Históricos. Vol. 28, n. 1 (2024).

DA SILVA, P. R.; DIAS JÚNIOR, W. de A. **O “progresso” e a “falta”: representações e relações Brasil-Paraguai no jornal O Globo durante a construção da Ponte da Amizade (1956-1965)**. Revista Territórios e Fronteiras, [S. l.], v. 12, n. 2, 2019.

DIAS, André B. **Da modernização à autoridade: a grande imprensa brasileira, entre a ditadura e a democracia – Folha de S. Paulo e O Globo, 1964-2014**. Opinião Pública, vol. 25, n. 3, p. 472-494, 2019.

FRANCISQUINI, Adrian Alan; AMARAL, Sérgio Tibiriçá. **Asilo Político**. ETIC: Encontro de Iniciação Científica, São Paulo, 2011.

LUCA, Tania Regina de. **História dos, nos e por meio de periódicos**. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). Fontes Históricas. São Paulo: Contexto, 2008.

MAGNOLO, Talita S.; PEREIRA, Aline A. **O papel desempenhado pelo jornal O Globo ao golpe de 64**. XXI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, São Paulo, 2016.

MARCELINO, Marcelo G.; NASCIMENTO, João B. da S. **A construção da Itaipu Binacional: Instituição estratégica e disputas de poder na ditadura civil-militar**. Revista NEP - Núcleo de Estudos Paranaenses, Curitiba, v. 9, n. 2, dez. 2023.

MORAES, Ceres. **Interesses e colaboração do Brasil e dos Estados Unidos com a ditadura de Stroessner (1954-63)**. Diálogos: Revista do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História, Maringá: Universidade Estadual de Maringá, v. 11, n. 1-2, p. 55-80, 2007.

O'DONNELL, Guilermo. **Transição democrática e políticas Sociais**. Rev. Adm. públi., Rio de Janeiro, out./dez. 1987.

RONIGER, Luis. **Exílio Massivo, Inclusão e Exclusão Política no Século XX**. Revista de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, vol. 53, n° 1, 2010, p. 91 a 123.

SILVA, Jussaramar da. **A Usina de Itaipu e a Operação Condor: o outro lado das relações bilaterais Brasil-Paraguai (1973 - 1987)**. Dissertação (Mestrado em História Social) - PUC-SP, 2010, Cap. 1, p. 37 a 73.

FONTES

BRASIL. **Decreto nº 72.707, de 28 de agosto de 1973**. Promulga o Tratado entre a República Federativa do Brasil e a República do Paraguai para o aproveitamento dos recursos hídricos do rio Paraná, pertencentes em condomínio aos dois países. *Presidência da República*. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/antigos/d72707.htm. Acesso em: 12 junho, 2025.

BARBOSA, Catarina. **Relembre: 7 vezes em que o governo Bolsonaro se espelhou no Brasil da ditadura militar**. Brasil de Fato, Belém, 31 mar. 2021. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2021/03/31/relembre-7-vezes-em-que-o-governo-bolsonaro-se-espelhou-no-brasil-da-ditadura-militar/>. Acesso em: 8 maio, 2025.

CARNERI, Santi. **Bolsonaro elogia ditador paraguaio Alfredo Stroessner em público**. El País, 2019. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/02/26/internacional/1551213499_127441.html. Acesso em: 8 maio, 2025.

Constituição da República Federativa do Brasil de 1988, Brasília: Presidência da República, Casa Civil. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 12 jun. 2025.

CORREIO BRASILIENSE. **Saiba por que ditador paraguaio que será exumado foi enterrado em Brasília.** Brasília, 23 jul. 2020. Disponível em: https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2020/07/23/interna_cidadesdf,874463/saiba-por-que-ditador-paraguaio-que-sera-exumado-foi-enterrado-em-bras.shtml. Acesso em: 4 julho, 2025.

LEAL, Carlos Eduardo. **Tribuna da Imprensa.** Atlas da Notícia, FGV, s.d. Disponível em: <https://atlas.fgv.br/verbete/6390>. Acesso em: 14 jul. 2025.

MEMÓRIA O GLOBO. **Apoio ao golpe de 64 foi um erro.** Erros e acusações falsas, 1 set. 2013 Disponível em: <https://memoria.oglobo.globo.com/erros-e-acusacoes-falsas/apoio-ao-golpe-de-64-foi-um-erro-12695226>. Acesso em 17 ago. 2025.

O GLOBO. Golpe Militar no Paraguai depõe Alfredo Stroessner. *O Globo*, Rio de Janeiro, p. 1, 3 fev. 1989, Primeiro Caderno.

O GLOBO. EUA recebem a notícia com satisfação. *O Globo*, Rio de Janeiro, p. 14, 4 fev. 1989, Primeiro Caderno.

O GLOBO. Ditador governou 35 anos com mão de ferro. *O Globo*, Rio de Janeiro, p. 14, 4 fev. 1989, Primeiro Caderno.

O GLOBO. Sarney espera aperfeiçoamento do regime. *O Globo*, Rio de Janeiro, p. 15, 4 fev. 1989, Primeiro Caderno.

O GLOBO. Brasil reconhecerá rápido novo Governo. *O Globo*, Rio de Janeiro, p. 15, 4 fev. 1989, Primeiro Caderno.

O GLOBO. Novo Presidente promete democracia. *O Globo*, Rio de Janeiro, p. 15, 4 fev. 1989, Primeiro Caderno.

O GLOBO. Itaipu não será afetada, diz Ney Braga. *O Globo*, Rio de Janeiro, p. 15, 4 fev. 1989, Primeiro Caderno.

O GLOBO. Brasil concede asilo a Stroessner. *O Globo*, Rio de Janeiro, p. 1, 6 fev. 1989, Primeiro Caderno.

O GLOBO. Ex-Presidente fica em casa de hóspedes de Furnas. *O Globo*, Rio de Janeiro, p. 3, 6 fev. 1989, Primeiro Caderno

O GLOBO. 'Velha amizade' justificou o pedido. *O Globo*, Rio de Janeiro, p. 3, 6 fev. 1989, Primeiro Caderno

O GLOBO. Mansão de Guaratuba, onde passa férias, tem 17 quartos. *O Globo*, Rio de Janeiro, p. 3, 7 fev. 1989, Primeiro Caderno.

O GLOBO. Criadores do Triângulo Mineiro são velhos amigos. *O Globo*, Rio de Janeiro, p. 3, 7 fev. 1989, Primeiro Caderno.

O GLOBO. Ney Braga considera normal a presença. *O Globo*, Rio de Janeiro, p. 3, 7 fev. 1989, Primeiro Caderno.

O GLOBO. Carnaval na televisão: o lazer de um ex-Presidente. *O Globo*, Rio de Janeiro, p. 3, 8 fev. 1989, Primeiro Caderno.

O GLOBO. Uma tradição de princípios. *O Globo*, Rio de Janeiro, p. 4, 9 fev. 1989, Primeiro Caderno.

O GLOBO. Governo avalia presença de Stroessner no Brasil. *O Globo*, Rio de Janeiro, p. 3, 10 fev. 1989, Primeiro Caderno.

O GLOBO. Stroessner afirma que deseja continuar morando no Brasil. *O Globo*, Rio de Janeiro, p. 3, 11 fev. 1989, Primeiro Caderno.

O GLOBO. Carta dos Leitores. *O Globo*, Rio de Janeiro, p. 4, 15 fev. 1989, Primeiro Caderno.

O GLOBO. Carta dos Leitores. *O Globo*, Rio de Janeiro, p. 4, 16 fev. 1989, Primeiro Caderno.

O GLOBO. Carta dos Leitores. *O Globo*, Rio de Janeiro, p. 4, 17 fev. 1989, Primeiro Caderno.

O GLOBO. Achadas fossas do terror. *O Globo*, Rio de Janeiro, p. 10, 3 abr. 1989, Primeiro Caderno.

O GLOBO. Carta dos Leitores. *O Globo*, Rio de Janeiro, p. 4, 17 abr. 1989, Primeiro Caderno.

TEÓFILO, João. **Jair Bolsonaro: uma ameaça à memória**. História da Ditadura. 4 ago. 2019. Disponível em: <https://www.historiadaditadura.com.br/post/jair-bolsonaro-uma-amea%C3%A7a-%C3%A0-mem%C3%B3ria>. Acesso em: 9 maio, 2025.